

A casa , o tigre.

*Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues*

Uma casa é tomada, fórmula sintática semelhante ao fantasma freudiano “uma criança é espancada”, “bate-se numa criança”, construção que acaba por deixar indeterminado o sujeito, velando o agente do cometido, tornando-o inacessível para fins de enfrentamento, daí inelutável, irresistível e inevitável. O tigre, por sua vez, vaga pelos espaços, mas, identificável e passível de ser localizado, presta-se a várias formas de manipulação, daí evitável.

A casa e o tigre são personagens de dois contos de Júlio Cortázar, *A casa tomada* e *Bestiário*, respectivamente. *Bestiário* trata da rotina de uma família numa casa de campo, em cuja companhia a menina Isabel vai passar férias “uma casa enorme e no pior dos casos não se tinha de entrar em um cômodo; nunca mais de um, de modo que não importava. ... Brincavam da manhã à noite no bosque de salgueiros, e se não podiam ir ao bosque de salgueiros, restava-lhes o jardim dos trevos, o parque das redes e a margem do riacho. Na casa era igual, tinham seus quartos, o corredor do meio, a biblioteca embaixo e a sala de cristais”. Era necessário evitar um lugar, nunca mais de um, precisamente onde se encontrava o tigre.

“Depois de uns dias habituou-se à ordem da casa, à tolerável disciplina daquele verão em Los Horneros. Quase sempre era o capataz, Seu Roberto, quem prevenia dos movimentos do tigre, mas também tinham de confiar em si. Outras vezes eram as crianças quem traziam a notícia, não porque tivessem visto qualquer coisa, mas se Seu Roberto os encontrava do lado de fora, indicava-lhes o paradeiro do tigre.” Isabel “aprendeu depressa o que realmente importava: verificar, previamente, se se podia sair da casa ou descer à sala de cristais, ao escritório, à biblioteca. ... E assim tudo ficou fácil, a vida se organizava para Isabel com algumas obrigações mais quanto à ação e algumas menos quanto à roupa, às refeições, à hora de dormir. Um veraneio de verdade, como deveria ser o ano inteiro.”

No segundo conto, um casal de irmãos, de meia idade, mora numa casa, que “além de espaçosa e antiga, guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância”. O seu cotidiano pacato é assim descrito “habitamo-nos, Irene e eu, a permanecer nela sozinhos, o que era uma loucura, pois nessa casa podiam viver oito pessoas sem se estorvar. Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando-nos às sete, e pelas onze eu deixava para Irene as últimas peças por repassar e ia à cozinha. Almoçávamos ao meio dia, sempre pontuais; era para nós agradável almoçar pensando na casa ampla e silenciosa e em como nos bastávamos para mantê-la limpa. Às vezes chegamos a pensar que foi ela que não nos deixou casar. Irene recusou dois pretendentes sem motivo maior, eu vi morrer Maria Ester antes que chegassemos a nos comprometer”.

O restante do dia Irene tricotava, por vezes ao final de um pulôver o desfazia para começar de novo, enquanto seu irmão entregava-se à leitura sobretudo de literatura francesa. Mas no dizer do próprio morador: “é da casa que me interessa falar... Lembro-me bem da divisão da casa. A sala de jantar, uma peça com gobelinos, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá frente para a Rodrigues Peña. Só um corredor com sua maciça porta de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos de dormir e o living central, ao qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão com azulejos de majólica, e a porta-persiana dava para o *living*. De maneira que se entrava pelo saguão,

abria-se a porta-persiana e chegava-se ao *living*, tinha dos lados as portas dos nossos quartos e à frente o corredor que levava a parte mais afastada; seguindo pelo corredor chegava-se à porta de carvalho e mais adiante iniciava-se o outro lado da casa, ou então podia-se virar à esquerda, justamente antes da porta, e chegar à cozinha e ao banheiro.”

Simples e sem circunstâncias inúteis, assim introduz o irmão de Irene, o acontecimento que viria alterar suas vidas, “ Irene estava tricotando em seu quarto, eram oito horas da noite e, de repente, lembrei-me de pôr ao fogo a chaleirinha do mate. Fui pelo corredor até chegar à porta entreaberta de carvalho, e dava volta ao cotovelo que levava à cozinha quando escutei algo na sala de jantar ou da biblioteca. O som vinha impreciso e surdo ... Também o ouvi, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daquelas peças até a porta. Atirei-me contra a porta, antes que fosse demasiadamente tarde, fechei-a violentamente, apoiando o corpo; felizmente a chave estava do nosso lado e, além disso, puxei o grande ferrolho para maior segurança.

Fui à cozinha, aqueci a chaleirinha e, quando voltei com a bandeja do mate, disse a Irene:

- Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos.

Deixou cair o tricô e me olhou com seus graves olhos cansados:

- Você tem certeza?

Disse que sim

- Então, disse, recolhendo as agulhas, teremos de viver neste lado.”

Após um breve período de acomodação, penoso, principalmente, quando se davam conta de algo caro que havia ficado do outro lado, procuraram restabelecer seu dia-a-dia. Irene tricotava e seu irmão passou a se dedicar à coleção de selos de seu pai, uma vez que a biblioteca, objeto de seu interesse, estava além da porta.

“- Olhe este ponto que fiz. Não é um desenho de trevo?

Um instante depois era eu que lhe punha ante os olhos um quadrinho de papel para que visse o valor de algum selo de *Eupen y Malmédy*. Estávamos bem, e pouco a pouco começávamos a não pensar.”

“É quase repetir a mesma coisa”, assim introduz o irmão de Irene, um novo acontecimento. “De noite sinto sede, e antes de me deitar disse a Irene que ia à cozinha tomar um copo de água. Da porta ouvi um ruído na cozinha, talvez no banheiro. Minha brusca maneira de parar chamou a atenção de Irene, que veio ao meu lado sem dizer palavra. Ficamos escutando os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho. Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta-persiana, sem olhar para trás. Os ruídos se ouviam mais fortes, mas sempre surdos. Fechei de um golpe a porta-persiana e ficamos no saguão. Agora não se ouvia nada.

- Tomaram esta parte, disse Irene. O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta-persiana e se perdiam por baixo dela. Quando viu que os novelos haviam ficado do outro lado, largou o tricô sem olhá-lo.

- Você teve tempo de trazer alguma coisa?

- Não, nada.

Como me sobrara o relógio-pulseira, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene e saímos assim à rua. Antes de nos afastar tive pena, fechei bem a porta de entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada.”

O tigre, evitável, desloca-se e, ao fazê-lo, reloca os sujeitos, mas sobretudo determina e referencia suas posições, delimita e cria percursos, numa palavra, topologiza os

espaços. Realiza tarefa tentada pelo cavalo, na Viena de Hans, e pelo Viaduto Joana Bezerra, no Recife dos agorafóbicos.

A casa, inevitavelmente, tomada não está esquadrinhada, não obedece a demarcações topológicas. O simulacro de limite representado pela porta de carvalho é precário e provisório. Quem é o outro do outro lado? Apesar de, torturantemente, próximo, de estar ali, junto, colado, é inatingível, não oferece possibilidade alguma de ser limitado. Absoluto. Alguém me falava de um vizinho, morador do andar de baixo, que o acompanhava, passo a passo, onde quer que ele fosse, cada qual em seu apartamento, tirando-lhe a privacidade. Se ia à cozinha, lá estava o outro, através de ruídos no seu piso, a vigiar-lhe e atralhar-lhe a refeição, se ia fazer o inverso, era capaz de ouvir o barulho da descarga a dizer-lhe: Estou aqui. A propósito do tema e da irresistível invasão, um pai, não tão pai, disse ao filho: “Quando fizer cocô, não dê descarga, quero examinar.”

De maneira absolutamente distinta, a histórica e seu perseguidor são moradores e transitam numa banda de Moebius, cheia de ricas possibilidades e encontros, um bafafá em cada esquina, num mundo povoado e pleno de sentido. Já os moradores da nossa casa ou a própria casa, metaforicamente, está instalada numa paisagem lunar, indigente de outros e, sobretudo, de si. Um plano infinito em que um ponto de um lado tem o seu correspondente do outro lado, sem possibilidade de transposição, é a escrita geométrica, não topológica, possível para a situação. Num ponto, o sujeito, no outro ponto, junto e, irremediavelmente, separado, seu perseguidor. Ao outro todo o gozo, fonte de sua angústia, angústia não de castração, mas da falta de castração desse outro, que por isso ocupa todos os espaços, toma a casa. A casa tomada.